



**FACULDADE RATIO**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MARÍLIA PINHEIRO DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**FORTALEZA**

**2019**

MARÍLIA PINHEIRO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA  
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada a banca examinadora do programa de graduação Licenciatura em Educação Física, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Orientador: Helton Bernardino Lima

**MARÍLIA PINHEIRO DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA  
NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à banca Examinadora do Programa de Graduação, Licenciatura em Educação Física, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Monografia aprovada em \_\_ / \_\_ / 2019

Nota \_\_\_\_\_

---

Prof. Helton Bernardino Lima

**Orientador**

---

Prof. Esp. Paulo Gabriel Lima da Rocha

---

Prof. Esp. Antônio Adriano da Rocha Nogueira

**FORTALEZA**

**2019**

Dedico esta monografia aos meus pais que tanto se esforçaram para minha formação. Um exemplo de luta, amor e fé. Depositaram em mim uma educação que levarei pelo resto da minha vida, foram os meus primeiros professores, me ensinaram a essência da vida, a educação e acima de tudo o respeito.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus, porque nele encontrei a força necessária para vencer as dificuldades que foram muitas, e quando tudo parecia desabar sobre mim, ele me enviou anjos que me ergueram novamente.

Quero agradecer aos meus pais Francisco Assis e Maria Nascimento, que caminharam comigo lado a lado nesta batalha, foram os meus primeiros professores, me educaram e me ensinaram a essência do ser cristão.

Um agradecimento especial aos meus tios, Venina e Flávio e a minha querida segunda mãe, a dona Chiquinha. Que me recepcionaram em sua casa, contribuíram para que eu chagasse a concluir este curso, vocês foram essenciais na minha vitória. Ao meu tio que sempre preocupado com minha segurança, ao viajar pela madrugada e chegar tarde da noite, cuidou de mim como pai, obrigada.

Quero agradecer aos meus amigos, Ana, joárica e Allef, que me apoiaram desde o início. Apesar de estarem longe sempre querem saber como vai o meu progresso. Ao meu irmão Fernando que me ajudou durante todo tempo, a realizar o meu sonho. Ao meu namorado Luciano, que sempre me deu forças e acreditou em mim.

Aos meus parceiros de batalha Matheus, Emerson e Cicero. Estamos juntos a 5 anos. Tornamo-nos uma verdadeira família, cuidando uns dos outros. Parte-me o coração ao saber que vamos ficar longe. Mais feliz, ao saber que toda luta, todo suor, o esforço valeu a pena, porque nos tornamos guerreiros em uma luta que não foi fácil. Tenho orgulho de nós. Obrigado meninos.

Quero agradecer aos meus professores do ensino fundamental, em especial a Luciene Alexandre, Clevanice e Lúcia, a todos os professores do ensino médio em especial o Fabiano, Lela, Joziede, Cícera e o Irapuã, e a todos os professores da faculdade Ratio. Nesse agradecimento eu não poderia me esquecer de vocês, porque se cheguei até aqui foi pela contribuição e ensinamento de cada um de vocês. Ao conviver com todos, afirmo de todo coração que seguirei as estratégias de ensino, para que eu possa me tornar uma profissional respeitada e querida como vocês são. O meu muito obrigado.

Quero agradecer aos meus professores do estágio, Naiara, Michellem e o Irapuã. Antes do estágio vocês já tinham o meu respeito, após o convívio, tenho vocês como exemplo a seguir de bons profissionais. O meu muito obrigado.

O meu sincero agradecimento aos diretores das escolas, Valfrido Ferreira Lima, INESM, Liceu de Senador Pompeu que me acolheram muito bem e abriram as portas para realização do estágio.

Por fim quero agradecer aos meus coordenadores Manoel Bezerra e o Fernando Sales, que nos conduziram e nos ajudaram nesta batalha e foram mais que coordenadores, se tornaram bons amigos.

O meu muito obrigado a todos vocês, não foi fácil chegar aqui, mais com o apoio, com o carinho, com os ensinamentos de cada um, cheguei!

Eduquem as crianças, para que não seja necessário punir os adultos.

Pitágoras

## RESUMO

Este trabalho traz como problema de investigação a seguinte pergunta: Que contradições e desafios teórico-metodológicos se apresentam no esporte da escola, considerando a realidade da Educação Física do Ensino Fundamental nas séries finais? Como hipótese, considerou-se que, as contradições e desafios teórico-metodológicos do esporte da escola, observando-se a atual realidade da Educação Física no Brasil, requer um estudo mais detalhado, devido à necessidade de transformações da prática educativa do esporte da escola para a formação humana. Assim, após uma análise crítica do esporte praticado pela sociedade, tendo como o modelo de aprendizagem que se pauta em esporte de alto rendimento, em especial o meio social que o esporte está inserido em todo o país; nas escolas públicas e privadas, constata-se através dos dados coletados nos estudos, uma necessidade que os conteúdos sejam tratados numa abordagem crítico-emancipatória do esporte, possibilitando uma problematização, tematização dos elementos da ludicidade e construção do conhecimento para que se possa desenvolver uma análise dos elementos abordados em sala de aula e que sejam refletidos na sociedade de quem pratica e reproduz o esporte.

A partir desta análise, foi desenvolvido o estudo, com base numa pesquisa exploratória bibliográfica, onde os resultados da pesquisa apontam que o esporte da escola deve ter caráter pedagógico.

**Palavras-Chave:** Educação física da escola; formação humana; Esporte teórico-metodológicos.

## **ABSTRACT**

This work presents as a research problem the following question: What contradictions and theoretical-methodological challenges present themselves in the sport of the school, considering the reality of Physical Education of Elementary School in the final grades? As a hypothesis, it was considered that the contradictions and theoretical-methodological challenges of the school sport, observing the current reality of Physical Education in Brazil, requires a more detailed study due to the need of transformations of the educational practice of the sport of the school to human formation. Thus, after a critical analysis of the sport practiced by society, having as the model of learning that is based on high performance sports, especially the social environment that the sport is inserted throughout the country; in public and private schools, it is verified through the data collected in the studies, a necessity that the contents be treated in a critical-emancipatory approach of the sport, allowing a problematization, thematization of the elements of playfulness and construction of the knowledge so that a analysis of the elements covered in the classroom and that are reflected in the society of those who practice and reproduce the sport.

From this analysis, the study was developed, based on an exploratory bibliographical research, where the results of the research indicate that the sport of the school should have pedagogical character.

Keywords: School physical education; human formation; Sport theoretical-methodological.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. CAPÍTULO I: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL</b> .....	12
2.1 EVOUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONCEPÇÕES.....	15
2.2 O ESPORTE NO BRASIL.....	19
<b>3. CAPÍTULO II: O ESPORTE DA ESCOLA OU O ESPORTE NA ESCOLA?</b> .....	23
3.1 REALIDADE E CONTRADIÇÕES TÉORICO-METODOLÓGICAS DO ESPORTE ESCOLAR NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	27
3.2 ESPORTES ESCOLARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS SÉRIES FINAIS DO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	30
<b>4. CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS</b> .....	34
4.1 FORMAÇÃO DO ALUNO ATRAVES DA CIDADANIA.....	36
<b>5. CAPITULO IV: AS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E O DISCENTE DO ENSINO MÉDIO</b> .....	41
5.1 EXEMPLOS DE ATIVIDADES ALTERNATIVAS.....	47
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Essa monografia aborda assuntos sobre o esporte na escola proporcionando informações que possam esclarecer dúvidas de como se deve ser abordado o esporte no ensino da Educação Física escolar nas escolas públicas e privadas de todo o país. O seguinte estudo tem como objetivo: identificar nos estudos produzidos no Brasil, os aspectos históricos da Educação Física e do esporte da escola para as séries finais do fundamental, considerando a realidade, contradições e desafios teóricos e metodológicos, para que os professores, saibam educar de uma melhor forma, e que este objetivo seja transformado em ações futuras.

O tema em questão parte da necessidade de reconhecer nos estudos produzidos no Brasil, os desafios e contradições teórico-metodológicos do esporte tratado pela Educação Física escolar, permitindo evidenciar, a partir da realidade do ensino-aprendizagem do esporte da escola, para o ensino fundamental II, mediante ao estudo proposto, discutindo e promovendo propostas para o ensino da Educação Física nas escolas, como também promover debates sobre conteúdos adequados para cada série.

É perceptível que o mundo vem a cada dia mais avançando em inúmeros aspectos e mais do que nunca devem as escolas acompanharem de forma crítica essa evolução, é necessário que estas estejam atentas a essas transformações, de modo a favorecer o acesso ao conhecimento, assegurando assim, uma formação para a cidadania.

Uma instituição de ensino que tem a formação do indivíduo como prioridade, deve desenvolver meios de incentivar e proporcionar prazer, motivação e desafio para os alunos levando-os a serem capazes de aprender, desenvolver o senso crítico, questionar e conscientizar da sua importância no processo de transformação da sociedade (BRACHT, 2005).

Sem dúvidas, através da educação, é possível promover a transformação do ser humano, e a escola é a instituição social, onde isto apenas é possível, se sua proposta pedagógica estiver voltada para a formação da cidadania, orientando-se

segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Este importante documento assinala que:

“o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos” (BRASIL, 1998, p. 5).

Com isso, a escola se apresenta como uma instituição muito relevante na construção do conhecimento, desempenhando um papel social muito importante, desde que ela contribua não apenas para a preparação de um ser qualificado e com competências para a sua inserção no mercado de trabalho, mas principalmente, para a sua formação política, social e afetiva.

Ainda dentro desse contexto, na perspectiva de fundamentar a responsabilidade da escola sobre a formação integral do ser humano, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, estabelece no sistema educacional brasileiro, juntamente com outros componentes curriculares de caráter obrigatório na Educação Básica, a Educação Física (art. 26...).

Sendo uma disciplina que não deve abranger somente as valências físicas e motoras, mas principalmente tem que colaborar significativamente na formação de valores, na socialização e integração do aluno. Porém, segundo Guimarães (2001) ela vem se distanciando dessas finalidades por força de seu processo histórico e por conta da formação obtida dos profissionais.

Tendo em vista esse contexto, pretende-se no presente estudo fazer uma análise sobre a contribuição da Educação Física Escolar na formação do cidadão. Para efeito da análise que se propõe nesse estudo, a cidadania é encarada como eixo principal do processo de formação das novas gerações, de modo que os alunos sejam capazes de conhecer, participar e desenvolver atitudes de respeito, dignidade, solidariedade mútua e interação com outras culturas corporais. É necessário que os alunos compreendam que, à medida que se colocam como seres integrantes da natureza, devem cuidar dela enquanto condição de vida e saúde; defendam que todos têm direito às atividades físicas e de lazer para uma vida saudável e bem-estar de toda a população, dentre outras (DARIDO, 2003).

Considerando a temática Educação Física Escolar e sua relação com a construção da cidadania, este estudo adotará a perspectiva de fundamentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), partindo da hipótese de que as aulas de Educação Física pautadas apenas no conteúdo do Esporte com ênfase meramente na dimensão do fazer, reduz sua possibilidade de auxiliar na formação da cidadania do aluno.

O propósito é entender a contínua relação entre Educação e Cidadania, e por extensão a Educação Física, sem a intenção de aprofundar origens históricas, mas de reunir alguns subsídios teóricos que possibilitem que a discussão caminhe muito além da explicação de uma simples correlação, realizada de um modo direto e irrefletido, entre a educação física escolar e a formação do cidadão.

Portanto, visto que a Educação Física é um componente curricular obrigatório na educação básica, almeja-se discutir: a relação existente entre a participação nas aulas desta disciplina e o processo de desenvolvimento e formação da cidadania do aluno.

Por fim, na busca por obter respostas a tal questão motivadora para a elaboração deste trabalho, será utilizado como instrumento de pesquisa um questionário direcionado aos professores regentes em turmas do 3º ao 5º ano do ensino médio, onde o aluno se encontra mais receptivo a construção e incorporação de atitudes e valores relativos ao respeito às regras, em escolas municipais de Senador Pompeu, de modo a identificar se a sua prática pedagógica está contribuindo para a formação do cidadão.

A seguir, com o objetivo de construir uma fundamentação teórica para este trabalho, serão abordados de forma inicial alguns conceitos como: cidadania, educação, a prática esportiva da escola na formação do aluno cidadão e a abordagem pedagógica da Educação Física escolar para formação da cidadania.

## 2. CAPITULO I: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

As contradições e desafios teórico-metodológicos do esporte da escola, frente a atual realidade da Educação Física no Brasil, requerem um estudo mais detalhado devido à necessidade de transformações da prática educativa do esporte da escola para a formação humana.

Sendo assim, após uma análise crítica do esporte praticado pela sociedade, tendo como o modelo de aprendizagem que se pauta em esporte de alto rendimento, em especial o meio social que a Educação Física está inserida em todo o país nas escolas públicas e privadas é imprescindível que as aulas sejam tratadas numa abordagem crítico-emancipatória do esporte, possibilitando uma problematização, tematização dos elementos da ludicidade e construção do conhecimento para que se possa desenvolver uma análise dos elementos abordados em sala de aula e que sejam refletidos na sociedade de quem pratica e reproduz o esporte.

O estudo foi baseado a partir do Sistema Educacional Brasileiro. Conforme Saviani (1987 *apud* HOFFMAN 2008 p, 2-5), traz quatro concepções para organização da escola no Brasil: “a concepção Humanista Tradicional”, que tem conceito de educação partindo de uma visão já estabelecida, tendo uma instituição como centro de organização e tendo o professor como o transmissor do conhecimento e o aluno reproduzidor, aquele que cumpre com as obrigações estabelecidas pela escola.

Já na concepção moderna, o autor trata e difere do tradicional no instante quando “afirma que, a existência do Homem precede a sua essência, resultando daí um conceito de Homem: “Um ser completo desde o seu nascimento até a morte,” conceituando a escola como centro educativo.

Tem-se também a concepção analítica que Saviani conceitua (1987 *apud* HOFFMAN, 2008, p. 2-5) como “aquela que confere significado lógico à linguagem em função do contexto”. Essa concepção parte do interesse do educador em ensinar os conteúdos independentemente do local, condições físicas do espaço, tempo, etc.

Por fim há a concepção dialética, que para Saviani (1987 *apud* HOFFMAN, 2008, p. 2-5), esta “defende que à educação cabe explicitar os problemas educacionais compreendidos no contexto histórico”. Posteriormente diferente da

concepção humanista moderna quando se assegura nos aspectos da realidade, a dialética traz a realidade como um todo num processo interativo e dinâmico, tendo na educação como desafio, construir um “novo” partindo do “antigo”. De acordo com o autor, a organização social atual tem requisitos e características como o fortalecimento da burguesia. Zonotti (1972 *apud* HOFFMAN, 2008 p. 5), afirma que essa perspectiva em relação à escola brasileira surge para realização do ideário liberal se estruturando no sistema no século XX.

De acordo com Hoffman (2008, p. 6), “no século passado a escola tinha como perspectiva assegurar o direito à educação para todos com qualidade e gratuidade”, mas o grande problema, é que, a classe dominante sabia que a população submissa à burguesia, ao se tornarem pessoas instruídas através da escola, passava a lutar pelos seus direitos, desenvolvendo uma determinada consciência e um teor crítico mediante os problemas existentes na sociedade, podendo-se tornar pessoas de classe dominante, com isso não era de interesse da burguesa tornar o povo informado.

Para Freitas (1986 *apud* HOFFMAN, 2008 p. 8), a Organização do Sistema Educacional Brasileiro é constituída em três períodos: o primeiro de 1500 a 1930, período no qual abrange a colônia o Império e a primeira república, onde prevaleceu a concepção tradicional da educação. Nesse período foram os jesuítas que criaram a estrutura funcional da escola. O segundo período de 1930 a 1960, momento da crise mundial no qual as relações de venda e compra no comércio se defasaram e com o fim da segunda guerra centralizando o poder para a classe burguesa, a concepção humanista moderna teve destaque provocando uma grande reformulação no Sistema Educacional.

[...] Em 1942, a reforma camponema abrange um ensino secundário e o técnico – industrial, afirmando que daria resposta a essas questões. Para tanto modificou o ciclo de estudo: Quatro anos (ginasial) três anos (colegial). Este último seria oferecido em duas modalidades o científico e o clássico, ambos permitindo o ingresso em qualquer curso superior. No entanto, o que vai acontecer na prática, é que a ênfase dada às “letras”, no curso clássico, dirige seus egressos para as Faculdades de Filosofia, Letras e Direito e o científicos, voltado para as ciências, orienta seus concluintes para os cursos da área de saúde, biológicas e engenharias, e nenhum deles é “dirigido” às classes baixas da sociedade [...]. Segundo Hoffman (2008 p. 20-21)

Para o autor, o terceiro período no qual compreende de 1960 até os dias atuais, é provocado pela concepção Dialética que tem como objetivo articular a educação e

as relações sociais, período este que, após a década de 60, ocorreu a ditadura militar no Brasil, e a criação da atual LDB, lei de diretrizes e bases. Gadotti afirma (2000, p. 129 - 167), a atual situação do Sistema Educacional Brasileiro é decorrente do conjunto de fatores vindo desde o surgimento do Brasil. As contas que Portugal deixou para o Brasil trazendo consequências até os dias atuais, que é chamada hoje de dívida externa. Contudo, o Brasil também tem sua parcela de culpa nesse contexto, com isso o país deixa de investir em educação, aumentando o percentual de analfabetos; à falta de recursos, de infraestrutura, a desvalorização do professor e outros problemas existentes na educação atual brasileira. Devido essa realidade, muitas escolas não desenvolvem o seu papel de educar para a transformação da realidade.

Com relação aos dados históricos que tratam da Organização do Sistema Educacional Brasileiro e a atual realidade da escola, torna-se cada dia um desafio para Educação Física Escolar, ser transformada como prática pedagógica na escola, devido a esses grandes problemas educacionais existentes no sistema educacional, e até mesmo a própria Educação Física que no Brasil sofreu influências Europeias no início do século XX.

De acordo com o coletivo de autores (1992, p. 49 - 55), no Brasil, no início do século XX, os professores que lecionavam na escola eram de formação restrita militar, e o esporte desenvolvido na escola, era seguido de padrões do modelo capitalista. Partindo desse argumento, no trato do conhecimento no esporte da escola, este estudo foi desenvolvido, com base na perspectiva emancipatória que conforme Kunz (2006, p. 17 - 22) é uma característica que visa possibilitar uma prática de forma crítica e transformadora para uma melhor compreensão da realidade, desafiando e superando teorias que tratam do esporte numa perspectiva de atender aos interesses do capital que objetiva o lucro.

Nessa visão automática, trazemos o seguinte objetivo: identificar nos estudos produzidos no Brasil, os aspectos históricos da Educação Física e do Esporte da Escola para as séries finais do fundamental, considerando a realidade, contradições e desafios teóricos-metodológicos. Através deste objetivo, levantamos os seguintes objetivos específicos para este estudo: discutir as perspectivas atuais do esporte escolar no âmbito da Educação Física; Reconhecer as contradições teórico-metodológicos do esporte escolar e sua realidade; diferenciar na produção do

conhecimento, desafios e possibilidades de ensino aprendizagem do esporte escolar para o fundamental série final.

O surgimento da Educação Física é marcado por várias tendências devido a suas amplitudes de conceitos pré-estabelecidos ao longo da sua história. Através dessas questões, o esporte por ser uma atividade caracterizada como cultura corporal, desde o seu surgimento, foi inserida como um dos conteúdos da Educação Física que conseqüentemente, passou a ganhar forças no mundo atual, exercendo contribuições importantes para a sociedade que pratica e reproduz esse esporte com um olhar crítico.

Esse capítulo, trata dos aspectos Históricos da Educação Física e do esporte, para podermos compreender um pouco de sua origem e evolução, do que é refletido nos dias atuais. A história da Educação Física encontra institucionalização no Brasil Imperial, em meados de 1822 a 1889, quando a Atividade Física ganhou espaço nas Leis e Decretos sobre Educação Física e Desportos, reforçadas pelos pareceres de um dos Patronos da Educação Física Brasileira, Rui Barbosa. Ele, já naquela época, chamava a atenção para os valores das atividades físicas.

## 2.1 EVOUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONCEPÇÕES

Tomando como base, os dados históricos do surgimento e evolução da Educação Física no Brasil, é possível reconhecer a presença de várias tendências Europeias que exerceram influências marcantes no surgimento da Educação Física no Brasil. Este estudo tem como objetivo relatar o seu processo histórico que aqui se encontra dividido em três fases.

Segundo Melo (1999, p. 33), “a primeira fase é marcada pelo caráter embrionário do estudo”, para ele, nesse período as publicações eram de livros importados, sendo que o primeiro autor a falar dos aspectos históricos da ginástica foi Fernando de Azevedo. Já Catelani Filho (1998, p. 33 - 34) afirma que, os marcos e publicações da história da Educação Física Brasileira é devido ao professor Inezil Pena Marinho; publicações estas editadas no primeiro período republicano, período onde são notadas as relações próximas com o militarismo, época onde foi criada a escola militar pela carta Regina de 04 de dezembro de 1810, com o nome de academia militar, após a chegada da família real para o Brasil.

Ghiraldelli Júnior (2004) afirma, que a primeira fase da história da Educação Física foi absorvida pela concepção militarista, porém, a concepção Higienista era marcante nesse período da história. Segundo Ghiraldelli Júnior (2004, p.37):

“A Educação Física higienista foi em grande parte, absorvida pela concepção militarista. Não podemos ignorar os primeiros esforços do Brasil republicano no sentido de formar profissionais da área de Educação física partindo de instituições militares. A primeira instituição propriamente voltada para a formação de professores de Educação Física foi à escola de educação física do exercito fundada em 1933.

Conclui-se que, neste período da história, começam a ter certa preocupação com a formação do professor de Educação Física, pois, foi nessa época as escolas tinham como professor de Educação Física um militar de força policial. De acordo com Ghiraldelli Júnior (2004, p.22) “a Educação Física higienista é o produto do pensamento liberal”. O autor afirma que existem ainda amarras do pensamento liberal, neste período.

Depositavam na escola as esperanças de que ela seria capaz de mudar os conflitos sociais e construir uma sociedade mais democrática e livre dos problemas existentes no mundo capitalista. Hoje em dia, se observam nas ruas academias de ginástica nas praças públicas, pessoas fazendo atividades para obter o corpo perfeito; a questão da saúde da estética imposta pelos meios de comunicação de massa, são essas relações que são resgatadas da concepção higienista da história da Educação Física.

Segundo Saviani (1983 *apud* GHIRALDELLI 2004, p. 22), “o liberalismo<sup>1</sup> no início do século XX em nosso país, acreditou na educação e particularmente na escola, como redentora da humanidade”. Nesse período, Rui Barbosa foi tido como a figura do liberalismo baiano, ele que por muitos foi caracterizado como “militarista”.

---

<sup>1</sup> Segundo Koshiba (2000, p. 342), “[...] O liberalismo descendo o iluminismo, sendo resultado de sua população. O iluminismo antecedeu a Revolução francesa e o liberalismo sucedeu. [...]”. Segundo o autor “[...] o liberalismo era produto da experiência prática vivenciada nos quadros dos pensamentos iluminista [...]”.

De acordo com LOURENÇO FILHO (1954 *apud Ghiraldelli Júnior* 2004, p. 24), Rui Barbosa traz pensamentos em relação a Educação Física. 1949, p, 29 – 30

[...] A ginástica não é agente materialista, mas pelo contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível á educação do sentimento e do espírito quanto á estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. Materialista de fato é sim, a pedagógica falsa, que descurando do corpo, escraviza irremissivelmente a alma e a tirania odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doença. Nessas criaturas desequilibradas, sim é que a carne governará sempre fatalmente o espírito, ora pelos apetites ora pela enfermidade [...].

Como menciona o autor, esse relato foi devido às acusações que Rui Barbosa sofreu sendo caracterizado como “materialista”. Os depoimentos são devido a influências militaristas<sup>2</sup> que se marcaram presentes por um bom período após o decreto de 1921, quando se impôs como o método da Educação Física oficial, o método Francês decretando a Educação Física como disciplina obrigatória nos cursos secundários e o método francês sendo o único na rede escolar. Para Melo (1999, p. 35), “A segunda fase é marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com os estudos históricos”. Sendo que o autor destaca a obra de INEZIL Penna Marinho devido a sua qualidade teórico-metodológica.

Nesse mesmo período, segundo Ghiraldelli Júnior (2004, p. 40), “A Educação Física está intimamente ligada ao ensino público nos anos 50 e 60”. No Brasil a concepção Pedagogista ganha força no Governo de Juscelino Kubschk. Para Silva (1950 *apud* GHIRALDELLI JÚNIOR, 2004, p. 27 - 28), a concepção pedagogista se baseia nos modelos americanos e higiênicos ganhando força no período pós-guerra de 1945 – 1964. Conforme o autor, nesse período o pensamento americano foi o mais marcante. A educação se baseava na educação centrada no professor cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la.

---

<sup>2</sup> Conforme Ghiraldelli Junior (2004, p. 25), “[...] A educação Física Militarista, coerente como os principais autoritários de orientação fascista, destacava o papel da Educação Física e do Desporto na formação de homem obediente e adestrado [...]”.

A metodologia decorrente de tal concepção tem como princípio a transmissão dos conhecimentos através da aula do professor, frequentemente expositiva, numa sequência predeterminada. O professor fala, o aluno ouve e aprende. Não propicia ao sujeito que aprende um papel ativo na construção dessa aprendizagem, que é aceita como vinda de fora para dentro. GHIRALDELLI JÚNIOR, 2004, p. 27 - 28

[...] Segundo a Associação Nacional de Educação Física dos Estados Unidos, são os seguintes os fins da educação:

“Saúde, desenvolvimento de habilidades fundamentais para a vida, formação de caráter e desenvolvimento de qualidades dignas de um bom membro de família e bom cidadão, aproveitamento sadio das horas livres ou de folga e finalmente, preparação vocacional (...)”.

*Saúde:* a Educação Física pode contribuir igualmente para a saúde física e mental, através de atividades consideradas fisicamente saudáveis e mentalmente estimulantes (...).

*Habilidades fundamentais:* dentre as habilidades fundamentais de toda sorte, de que o indivíduo necessita para assegurar seu completo bem-estar e ajustamento, salientam-se as habilidades físicas como uma necessidade fundamental em todas as idades (...).

*Caráter e qualidades mínimas de um bom membro de família e cidadão:* a Educação Física é uma fase de trabalho escolar que particularmente se presta para o desenvolvimento do caráter (...).

*Preparação vocacional:* certos tipos de atividades físicas, especialmente as competições desportivas, desenvolvem controle emocional e qualidade de comando e liderança (...).

*Uso contínuo das horas livres ou de folga:* o mau aproveitamento desse tempo pode destruir a saúde, reduzir a eficiência e quebrar o caráter, além de degradar a vida [...].

Como se apresenta a citação acima, a Educação Física nesse momento histórico, tendo a visão do pensamento americano, não exercia nenhuma intencionalidade pedagógica para formação humana, pois, nesse período, as preocupações eram de desenvolver habilidades do cotidiano. De acordo com Melo (1999, p. 39), a terceira fase é dada pelos estudos históricos ligados ao Esporte e a Educação Física, devido às publicações já existentes que na época o esporte e as modalidades esportivas eram desconhecidos para muitas pessoas.

Para este autor, esse período também é marcado “a partir de uma crítica fundamental: a obra de Marinho e uma inspiração teórico-maxista, onde se destaca o

estudo de Lino Castellani Filho”, “Educação Física no Brasil: A História que não se conta”.

Nesse período da história, conforme Ghiraldelli Júnior (2004, p. 29 - 33), a concepção competitivista ganhou forças no Brasil, onde o espírito competitivo, as perfeições no esporte às marcas e medalhas, eram questões mais importantes e de interesse da mídia em passar para a sociedade, que consumia marcas de produtos expostos pelas propagandas de televisão, etc.

Para Ghiraldelli Júnior (p. 42 - 46), a Educação Física competitivista ganhou corpo de fato com a ditadura militar, que se manteve em rigor no período da história do Brasil na qual se compreende de 1964 até 1985. Segundo o autor, após a década de 70 e 80 a Educação Física teve mudanças, aumentando o número de professores, que começaram a discutir as práticas educativas em reuniões e congressos, onde surgiram também, trabalhos científicos e alguns livros que tratavam da disciplina Educação Física Escolar.

## 2.2 O ESPORTE NO BRASIL.

É possível observar no Brasil que a história do esporte está ligada com a história da Educação Física. Segundo Tubino (1996, p.15 - 18), desde o descobrimento até o período de 1930 no Brasil não existia esporte, para o autor, relatos de “Thomas Arnold” somente no século XIX começaram a surgir algumas práticas esportivas que se confundiam com Educação Física, pois, no Brasil Colonial foram desenvolvidas pelos índios algumas práticas esportivas a exemplo de: “O arco e a flecha<sup>3</sup>, a natação, a canoagem, as corridas, as marchas e a equitação”. Todos esses elementos que hoje fazem parte de modalidades esportivas que na época era utilizado como meio de sobrevivência.

De acordo com o autor, no Brasil Império, outras práticas esportivas eram desenvolvidas como: “a esgrima, a equitação e a natação,” essas atividades eram desenvolvidas desde a academia Real Militar em 1810. A capoeira era praticada na

---

<sup>3</sup> Segundo Tubino (p. 15), o arco e a flecha são os instrumentos que os índios utilizavam para caça, pesca e pra guerra.

época pelos negros, escravos que não aceitavam as crueldades impostas pelos senhores de engenho. Já que a luta era o único instrumento de defesa utilizada para se libertar. De acordo com Tubino (1996, p. 20 - 24), no período Republicano foram introduzidas no Brasil, diversas modalidades esportivas oriundas da Alemanha, Suécia e França, e no final do século XIX e no começo do século XX chegaram ao Brasil “a Natação competitiva<sup>4</sup>, o basquetebol<sup>5</sup>, o tênis<sup>6</sup>, o futebol<sup>7</sup> e a esgrima<sup>8</sup>.”

Pena Marinho afirma que (1996 *apud* TUBINO 1978 p. 20 - 29), a ginástica alemã já tinha chegado ao Brasil devido aos imigrantes alemães que vieram morar no Brasil. Sendo assim, começaram a implantar os métodos da ginástica alemã. Para o autor a ginástica alemã começou a perder forças devido à derrota dos alemães na Primeira Guerra Mundial, passando-se a implantar no país nas aulas de Educação Física o método Francês e Sueco.

Contudo, o autor afirma que a partir de 1920 as pessoas começaram a praticar as atividades esportivas, mediante a isso, começou a surgir competições internacionais onde o Brasil teve sua primeira participação nos jogos olímpicos de Antuérpia, local onde aconteceu a sétima Olimpíada até então disputada. Conforme Magalhães (1996 *apud* TUBINO 1986, p.41) “conclui-se que o esporte brasileiro foi

---

<sup>4</sup> Segundo Pena Marinho (1996 *apud* TUBINO 1979, p. 22-23), “em 1898, no 1º Campeonato Brasileiro de Natação prova de 1.500 metros entre Fortaleza de Villegagnon e a Praia de Santa Luiza no Rio de Janeiro.”.

<sup>5</sup> Para Tubino (p. 23), “por sua vez o Basquetebol foi introduzido no país em 1898 por August Shaw que trouxe dos Estados Unidos uma bola deste esporte iniciando sua prática no Mackenzie College de São Paulo, para depois ACM do Rio de Janeiro difundir esta modalidade no Brasil sendo que o primeiro torneio, promovido por esta entidade ocorreu em 1915”.

<sup>6</sup> Segundo Tubino (p. 23), “o tênis que se manteve como um esporte de elite começou no Brasil através do Tênis Clube Walhafa de Porto Alegre, em 1898, e em 1915 teve o seu primeiro torneio sob a direção da Liga metropolitana de esportes terrestres”.

<sup>7</sup> Conforme Gonçalves (1996 *et al* TUBINO 1985, p. 23), o futebol chegou ao país em 1894. Tendo como “Charles Miller e mais Manuel Gonzáles e Oscar Cox, os principais responsáveis pela sua introdução e divulgação inicial de seus regulamentos”.

<sup>8</sup> De acordo com Tubino (p. 23), “No século XX, a esgrima que já era praticada, recebeu grande impulso com a criação na Brigada Policial de São Paulo, da Escola de Esgrima, em 1902”.

institucionalizado no estado novo sob a referência do controle do estado após o decreto da lei nº. 3199”.

Após o decreto e a institucionalização dessa lei, ao incentivar, fiscalizar e orientar a prática dos esportes no Brasil, põe-se em questão quais as intenções do estado em proporcionar essas práticas esportivas no país. Acredito que ao longo da revisão bibliográfica dos autores utilizados para descrever as histórias do esporte e da Educação Física, esse decreto foi utilizado como plano de “marketing” esportivo para a classe dominante.

Conforme Tubino (p. 45 - 57), no período do Estado Novo, o esporte no Brasil continua associado à Educação Física; para ele, nessa fase da política brasileira, o esporte limitou-se a uma perspectiva competitiva centralizada do estado e que nesse período de cinquenta anos conclui-se que não tivera nenhuma contribuição para o crescimento do esporte como educação.

O estado novo chegou ao fim pela chegada das loterias esportivas que por sua vista destinava um percentual do seu lucro ao esporte, fase na qual aconteceram alguns movimentos para área do esporte a exemplo de: “Esporte para Todos” oriundos da Noruega onde o Brasil começou a desenvolver campanha em 1970. De acordo com Tubino (1996, p. 91 - 93), o esporte a partir dos anos de 1990 se livrou da ditadura imposta no período do Estado Novo, segundo o autor neste período o então o Governo de Fernando Collor de Melo foi caracterizado na área esportiva por: “Revogação da Lei de incentivos fiscais ao esporte; criação da Secretaria de Esportes junto à Presidência da República; O retorno do esporte-desempenho na escola e o projeto Brasília - Olimpíadas Ano de 2000”.

Com essas mudanças, o Presidente Fernando Collor de Melo revolucionou o que já existia a respeito do esporte, que no período do Estado Novo ficou estagnado, porém, o então presidente mexeu no esporte da escola ampliando o espírito competitivo dos estudantes sendo que não era essa a intenção da escola de formar alunos competitivos.

O autor relata que nesse período (p. 93), o presidente Collor utilizou-se também como estratégia de sua campanha eleitoral, o esporte como meio de ganhar voto, e através do “marketing” esportivo de campanhas em trazer as olimpíadas para Brasília;

entre outros decretos que não melhoraram a prática do esporte nas aulas de Educação Física a população continuou sim, reproduzindo o esporte de alto rendimento.

Sendo assim, mediante a tantos interesses políticos, é necessário reconhecer, a necessidade de que: professores entendam o esporte que se insere na sociedade brasileira e que esse esporte é fruto do esporte de alto rendimento, pois, esses esportes praticados nas escolas públicas e privadas do Brasil têm a necessidade de estabelecer um tratamento pedagógico, possibilitando a superação, desafios e contradições que o esporte possui nos cunhos da Educação Física Escolar.

O esporte nos dias atuais é cada vez mais presente e marcante no processo de formação das pessoas na escola. Conseqüentemente é discutida no âmbito da Educação Física como deve ser abordado o esporte na escola e quais contribuições ele pode exercer ao longo da vida.

### 3. CAPITULO II: O ESPORTE DA ESCOLA OU O ESPORTE NA ESCOLA?

Foi notável até aqui conforme demonstra o estudo que existe uma predominância das práticas esportivas impostas pela sociedade capitalista. No surgimento do esporte e do início dos primeiros jogos olímpicos disputados; considerando a introdução das modalidades esportivas nas indústrias e nos setores de produção. Houve na época também o interesse do estado burguês em utilizar do esporte como meio para garantir dinheiro. Em paralelo, existia a classe trabalhadora que praticava as modalidades esportivas, consumia e utilizava esses produtos impostos pela classe burguesa, o que pode ser observado nos dias atuais o poder dos produtos esportivos.

Segundo os dados históricos da Educação Física e do esporte, mostrados no capítulo anterior desta monografia, percebe-se que a origem da Educação Física se cruzou com a origem do esporte e muitos caracterizam Educação Física como uma prática esportiva. Enquanto a sociedade crescia e a população adquiria conhecimento através da escola como vimos desde o período da Organização do Sistema Educacional Brasileiro exposto e comentado anteriormente no capítulo I, o acesso à informação da classe operaria aumentava gradativamente, conseqüentemente a classe trabalhadora e os filhos da classe trabalhadora passavam a ter mais informações a respeito do que acontecia no mundo através da informação que a escola lhe transmitia.

Partindo-se nessa linha de raciocínio, o esporte também passou a ser posto nas instituições escolares nas aulas de Educação Física, assim como outros conteúdos que foram introduzidos na escola. Foram aplicadas nas aulas de Educação Física concepções Europeias na qual compreende como esporte de rendimento.

Desde o momento em que começaram a introduzir o esporte na escola seguindo os modelos de esporte de alto rendimento, tendo características produtivistas, surgiram estudos na perspectiva da cultura corporal e do esporte considerando o seu processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar. Os métodos ginásticos foram sendo criados e desenvolvidos por europeus e para os europeus, sendo incorporados também na realidade brasileira. Dentre aqueles que tiveram maior aceitação no nosso país destacam-se as escolas alemã, sueca e francesa.

Com base no Coletivo de Autores (1992, p. 36):

[...] A perspectiva da Educação Física escolar, que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, tem contribuído historicamente para defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista [...].

Como mencionado, pode-se entender que existe um confronto de perspectivas da Educação Física Escolar, possibilitando compreender que os alunos ao praticarem as aulas de Educação Física, desenvolviam exercícios e atividades corporais para atingir a melhor agilidade aptidão das atividades diárias. Entretanto, nessa linha de raciocínio no qual o Coletivo de Autores faz análise crítica, evidenciando que os alunos não passavam de meros reprodutores e que os conteúdos eram discutidos de uma forma sistematizada e técnica, escolhidos pela escola na qual o esporte era ofertado porque assegurava a questão do alto padrão de rendimento e desempenho. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.50), caracteriza a Educação Física, mesmo sendo provisoriamente.

[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área do conhecimento que podemos chamar de cultura corporal [...].

Aumentando essa concepção no trato do conhecimento da cultura corporal segundo Assis (2005, p. 11), a Educação Física escolar trabalha os conteúdos da expressão corporal de forma pedagógica onde se destaca “o jogo<sup>9</sup>, a dança<sup>10</sup>, o esporte, o malabarismo a mímica entre outros.” Como mencionado podemos entender

---

<sup>9</sup> “O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente” Segundo o Coletivo de Autores (1999 p. 65-66).

<sup>10</sup> “Considera-se a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do Homem. Pode ser considerada como uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida das esferas da religiosidade, do trabalho dos costumes, hábitos da saúde da guerra etc” segundo Coletivo de Autores (1999, p. 82).

que o “esporte na escola” tem características diferentes do “esporte da escola”. Segundo Vago (1996, p. 4), “as práticas culturais do esporte vêm sendo escolarizadas ao longo deste século como um dos temas de ensino da Educação Física”.

De acordo com Vago (1996, p. 8), o esporte ganhou forças nos últimos cinquenta anos até chegar às instituições de ensino, no entanto, a preocupação do autor com base no depoimento de Bracht é questionar se o esporte praticado na escola é reprodução do esporte de rendimento, devido ao esporte praticado pela sociedade capitalista estabelecerem “valores culturais, econômicos e sociais”.

Sendo assim, o autor afirma que a escola não fica isenta do mundo fora dela, pois, a escola é uns dos espaços onde são produzidos cultura. Essa preocupação aumenta da forma como o esporte foi introduzido no âmbito escolar foram dirigidas algumas críticas relacionadas ao esporte; entre elas destaco o posicionamento do Coletivo de Autores (1992, p.70):

[...] O esporte caracteriza-se como uma prática social que “institucionaliza-se temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que cria e pratica”. “Por isso deve ser analisado nos seus valores aspectos, para determinar a forma que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola”.

Conforme o coletivo de Autores (1992, p.71), ao se trabalhar o esporte como conteúdo das aulas de Educação física é de fundamental importância resgatar e estabelecer valores para crianças e adolescentes. No qual o papel do professor é de extrema importância no processo da prática esportiva, onde permita que os mesmos tenham uma análise crítica a respeito do esporte praticado no ambiente fora da escola, fazendo referências ao esporte praticado na escola. Ou seja, para alguns críticos as práticas da cultura corporal estão no processo de institucionalização.

No caso da educação física, compreendida como atividade, esses elementos não faziam sentido, já que não havia um conhecimento (embora se buscasse a transmissão e internalização de valores) a ser registrado e, sim, uma atividade física que impactava o corpo e o comportamento dos alunos. Segundo Bracht (1997 *apud* SILVA et al, 2004, p. 59):

[...], O esporte moderno resultou de um processo de modificação ou de esportivização de elementos da cultura corporal e de movimentos das classes populares da nobreza inglesa. Assumindo características de alto desempenho. Tomou de assalto o mundo da cultura de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal do movimento esportivizou-se [...].

Segundo a visão do autor, pode-se caracterizar que alguns elementos da cultura corporal correm os riscos de se tornar esportes, devido aos interesses do estado, das pessoas tentam legitimar cultura como uma prática esportiva para ter fins lucrativos, é como vem acontecendo com a capoeira. De acordo com o Coletivo de Autores (1992, p. 71), deve-se questionar a forma como são exercidas as aulas de Educação Física no trato da cultura corporal para isso deve analisar suas normas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que cria e recria. Sendo assim no processo de Transformação Didático-Pedagógico da Escola, Kunz (2003, p.125), traz elementos do esporte para prática educacional:

1. O esporte como é conhecido na sua prática hegemônica, nas competições esportivas e nos meios de comunicação (televisão), não apresenta elementos de formação geral – nem mesmo para saúde física, mais preconizada para essa prática – para se construir uma realidade educacional.
2. O esporte ensinado nas escolas enquanto copia refletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivência de sucesso para minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para maioria.
3. Esse fenômeno de vivência de insucesso ou fracasso, para crianças e jovens em um contexto escolar é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor.
4. O esporte de rendimento segue os princípios básicos da “sobrepujança” e das “comparações objetivas, os quais permanecem inalterados mesmo para os esportes praticados na escola onde por falta de condições ideais o rendimento não se constitui no objetivo maior da aula”. Este é um dos motivos que contribui para o ensino dos esportes, também, venha a influenciar os crescentes “perda de liberdade” e “perda da sensibilidade” do ser humano, pelo “racionalismo” técnico-instrumental das sociedades industriais modernas.

Com base nos elementos citados acima, o autor se posiciona que é imprescindível, uma transformação didático-pedagógico do esporte, para que o mesmo seja exercido de forma crítica e emancipado na escola. Kunz, afirma que o primeiro passo é identificar o significado de se – movimentar, ou seja, jogar participar,

em específico de cada esporte respeitando as limitações de cada aluno dando oportunidade que o mesmo identifique-se, com a modalidade, e possa realizar intervenções que contribuam para modificar o que de fato já existe.

Sendo que o autor não coloca como ponto principal essas questões e sim fazer com que o aluno exercite com prazer e satisfação, possibilitando uma nova transformação, pois, não é o papel da escola ensinar movimentos perfeitos, técnicas de determinadas modalidades esportivas, regras oficiais, organizações de competições com caráter lucrativo e formação de atletas, sobretudo o dever da escola é dar um caráter pedagógico ao esporte praticado na escola.

Baseado nas críticas referentes ao esporte escolar e a maneira como se vem trabalhando e atribuindo valores que não condizem com a realidade da escola, tendo influências externas do mundo capitalista que não são ressignificadas, transformadas e trabalhadas de forma pedagógica na escola o esporte, então se consideram que a formação dos professores de Educação Física fica a desejar devido a não transformação do esporte. Se torna de fundamental importância uma melhor informação no trato do conhecimento dos conteúdos da Educação Física, em particular a do esporte e suas influências nas camadas sociais que o pratica e o reproduz, sendo uns dos principais elementos trabalhados na educação Física Escolar no ensino fundamental II.

### 3.1 REALIDADE E CONTRADIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ESPORTE ESCOLAR NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo a perspectiva e os caminhos que o esporte tem percorrido na prática pedagógica escolar desenvolvida pelos professores de Educação Física, é possível observar diante aos relatos dos autores, fortes relações do esporte de rendimento nas aulas de Educação Física. Kunz (2003, p. 16) afirma, que na década de 80 começaram as críticas relacionadas ao esporte.

Essas afirmações partiam da teoria marxista. Para Kunz (2003, p. 23 - 24), “o esporte é atualmente um produto cultural valorizado em todo mundo, pelo menos no sentido econômico” o autor ainda destaca que esse mesmo esporte através do qual são produzidas riquezas, transforma o homem em máquina sendo que o ser humano

está sempre em busca de um melhor desempenho. De acordo com Betti (1991, *apud* ASSIS, 2005, p. 86),:

[...] O esporte reproduz o fundamento das relações humanas no capitalismo, já que sua essência é a competição, mas de uma maneira transformada. Embora nutrindo-se das relações de produção capitalista, o esporte tende a desenvolver autonomamente, converteu-se na lógica abstrata da competição, no “modelo formal perfeito” das formas de competição do ser humano [p.50].

Como relatado acima, se entende que o esporte de rendimento não será banido da população, devido ao poder e o prazer que os mesmos têm em competir, e também devido aos interesses do capitalismo em se manter presente para utilizar o marketing esportivo como fonte de renda. Também acontece com as loterias esportivas que utilizam o esporte em prol do lucro, o surgimento dos canais fechados que selecionam as modalidades e os jogos esportivos, na qual a população tem que pagar para usufruir, as vendas de camisetas entre outros meios que utilizam do esporte para deter lucro, questões essas que devem ser abordadas em sala de aula para que haja transformação. Na mesma visão o próprio Bracht, citado por Vago (1996, p. 7), afirma:

[...] A Educação Física assume os códigos de outra instituição [a instituição esporte], e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos /sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola é um prolongamento da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios de técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para Educação Física. Utilizando uma linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio ambiente (esporte) não foi /é selecionada (filtrada) por um código próprio da educação física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior.

(Bracht, 1992, p.22; grifo meu).

É possível considerar que o esporte invadiu o campo da educação brasileira e de forma intensa, pois, o capitalismo ditou as regras da sociedade e o elemento esporte ganhou forças nas escolas públicas e particulares do Brasil e do mundo. O “esporte na escola” na qual tem como a figura do professor como controlador e

treinador das modalidades esportivas e a figura do aluno como o atleta em potencial sempre em busca de altos resultados, reproduzindo a forma tradicional tecnicista, concepção esta abordada no capítulo I.

Se os professores de Educação Física não reconhecerem diariamente que o esporte abordado na escola deve ter um caráter pedagógico e se continuarem a fazer o esporte de rendimento imposto pelas vias de comunicação de massa, o mesmo se tornará cada vez mais presente no âmbito escolar trazendo concepções que não tem como objetivo a educação e a formação da criança e do adolescente.

Segundo Kunz (2003, p. 48), o treinamento de alto rendimento tem diversos problemas a serem questionados como: o treinamento precoce especializado; para o autor é quando são passadas cargas de treinamento planejado para crianças antes da fase pubertária, as maiores preocupações é quando a criança tende de encerrar a carreira esportiva. Kunz destaca esses problemas:

[...]-- formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;

-- a unilaterização de um desenvolvimento que poderia ser plural;

-- reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. Em dias que a criança treina, pode-se grosso modo, dividir o plano de atividades da seguinte forma: de manhã das 8h às 12h, escola à tarde das 13h 30min as 15h 30min estudo e tarefas escolares e das 16h às 18h treinamento [...].

Com base nesse referencial, em muitos casos e na maioria das escolas particulares, as crianças ficam isentas das aulas de Educação Física devido praticarem o esporte fora da escola ou alguma atividade esportiva. Nessa lógica, percebe-se a descaracterização e a importância da disciplina de Educação Física, pois, na maioria das vezes, por influência dos pais ou da má formação dos professores no trato da metodologia e dos conteúdos aplicados nas aulas de Educação Física, deixam com que as crianças não participem da prática do processo construtivo da aula. Sendo que a criança deixa de ter vivências educacionais para sua formação. Conforme Assis (2005, p. 91), apresenta reflexão que:

[...] O esporte não é mais aquele. A ideologia do “mais vale competir do que ganhar” deixou de refletir o interesse geral. É preciso vencer, sim, a qualquer custo. As massas desejam recordes que igualam os esportistas aos super-heróis patrocinados por grandes empresas, que investem em tecnologia para esses homens aprimorados correrem cada vez mais os produtos que são consumidos pela massa que aí se imaginam um pouco super. também, fechando-se o ciclo. Para garantir a sensação efêmera de potência dos normais, os atletas da mídia tomam hormônios, deixam de ser esportistas e viram máquina de rendimento (Bourg, 1995, p. 62).

Conforme o posicionamento do autor, considerando que o esporte em determinadas esferas da sociedade tem o fator competição e esse requisito muitas vezes é exposto de maneira equivocada, nota-se que a participação das pessoas nas modalidades esportivas atualmente não representam nenhum valor social e sim a busca por valores financeiros, pois, é possível observar a busca do melhor rendimento e até mesmo a utilização de substâncias ergo gênicas que descaracterizam a ética legal do competir.

Após esta análise considera-se que, essas informações devem-se chegar às vias de acesso das escolas e que a figura do professor de Educação Física tem que evitar a reprodução desses atos inconsequentes dessas crianças e adolescentes que no futuro poderão vir a ser atletas e estarão um pouco mais informados dos caminhos corretos do esporte de rendimento.

### 3.2 ESPORTES ESCOLARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS SÉRIES FINAIS DO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO-APRENDIZAGEM.

Baseado no Coletivo de Autores (1992, p. 35), entende-se que o ensino fundamental II está presente no terceiro ciclo no qual tem como características a seguinte forma:

[...] É o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento. O aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de que uma operação mental exige a reconstituição dessa mesma operação na sua imaginação para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade. O aluno dá um salto qualitativo quando reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico, propriedade da teoria [...].

O que se evidencia é que os elementos trabalhados no ensino fundamental nas séries finais deverão conter conhecimentos mais sistematizados que procurem ampliar e construir de forma crítica o pensamento do aluno. Para o Coletivo de Autores (1992, p.40), “a expectativa da Educação Física escolar, tem como objeto de estudo a cultura corporal”, com isso, devem-se estimular estudos e reflexões a respeito desse trato do conhecimento. Entre eles se destaca o “esporte da escola”, sendo de sua característica, promover o desenvolvimento e personalidade do aluno, ter um caráter educativo, orientador e facilitador. Que por sua vez, conforme mencionada por alguns teóricos da educação Física brasileira, está perdendo espaço para o “esporte na escola”, através dessas questões, Assis (2005, p. 27 - 28), expõe a proposta de abordagem onde se evidenciam os seguintes aspectos do esporte para o tratamento pedagógico na escola:

1. uma leitura crítica do esporte:
  - como produção histórico-cultural, “o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso não pode ser afastado das condições ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar”; e
  - “as características como que se reveste [...] revelam que o processo educativo por ele provocado, reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sociais” (coletivo de Autores, 1992, p.70);
2. a impossibilidade de não o considerar como tema ou como conteúdo da educação física:
  - o esporte, aceito como fenômeno social precisa ser questionado em suas normas, suas condições de adaptação a realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria;
  - é preciso desmistificar o esporte como oferta do conhecimento que permita criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural, provendo a compreensão de que a prática esportiva deve ter o sentido/ significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte como bem social (Coletivo de Autores, 1992, p. 71)
3. a necessidade de transformá-lo na escola, com algumas indicações de ordem geral:
  - na escola, é preciso resgatar os valores que verdadeiramente socializam, privilegiam o coletivo sobre o individual, garantem a solidariedade e o respeito humano e levam a compreensão de que o jogo se faz com o outro e não contra o outro;
  - o programa de esportes deve ser desenvolvido no entendimento da evolução dos jogos, desde o jogo institucionalizado com regras específicas (Coletivo de Autores, 1992, p.71);
  - a organização do conhecimento sobre o esporte deve evidenciar o sentido e o significado dos valores que inculca e as

normas que o regulamentam dentro do nosso contexto socioistórico;

- a organização do conhecimento não se deve desconsiderar o domínio dos elementos técnicos e táticos, desde que não sejam exclusivos e único conteúdo da aprendizagem (Coletivo de Autores, 1992, p. 41)

- O ensino do esporte deve possibilitar o seu entendimento como uma prática social construída historicamente, que pode ser criticamente assistida e alterada, criativamente assinada, exercida e inclusive exercida na sua dimensão profissional (Soares, Taffarel & Escobar, 1992, p. 220).

Para o autor, trata-se de um texto que abrange à mesma perspectiva teórico-metodológica, contudo, demonstra certa preocupação que o esporte crie um projeto político-pedagógico alternativo. Considerando que este problema quanto à introdução do “esporte na escola”, já seja presente, e de forma alternativa no âmbito da cultura corporal já vem sendo exercido nas grandes escolas privadas do país nas quais podemos observar à prática desportiva no turno oposto as aulas de Educação Física.

Por outro lado, existem estudos teóricos nos quais fica comprovado que o esporte escolar possibilita uma melhor compreensão de mundo e formação para o ser humano, sendo desafiador ao esporte estabelecido pela sociedade capitalista. De acordo com Kunz (2003, p.74) no trato do conhecimento problematizado, podemos ter a possibilidade de inter-relação com a prática, e destaca a necessidade de:

1. Evidenciar e esclarecer o problema básico na encenação do esporte;
2. Destacar a importância das situações de encenação e seu significado individual e coletivo;
3. Favorecer a responsabilidade individual e coletiva no processo de encenação do esporte;
4. Aceitar diferentes soluções para diferentes situações de encenação
5. Orientar-se nas vivências e experiências subjetivas dos participantes para problematizar sempre novas situações.

A visão do autor é que a concepção crítico-emancipatória seja a melhor opção para se trabalhar com a educação física escolar. Acredita-se que nas instituições públicas onde o professor de Educação Física não tem o material necessário, o espaço físico deve ser utilizado a partir da concepção crítica-emancipatória, na qual o professor tem de transformar, reinventar, dar possibilidades, criar entre outros.

Se torna necessário trabalhar os conteúdos da Educação Física e do Esporte com muita atenção principalmente quando nos deparamos com as instituições particulares que oferecem estruturas e materiais adequados para que se desenvolvam as aulas de Educação Física, e em muitas vezes os professores reproduzem o esporte de rendimento.

#### **4. CAPITULO III: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS.**

Diante da história de inclusão de pessoas com deficiências, o mundo passou por várias fases na forma de tratamento ao deficiente. Por exemplo, nas sociedades greco-romanas, as crianças que possuísse algum tipo de deficiência eram rejeitadas. Muitas eram abandonadas e outras até mortas, para o povo estas crianças não possuíam uma certa beleza. O que era um fator muito valorizada por eles.

Estas ações aconteceram nos primórdios e até hoje acontece em algumas tribos indígenas Brasileiras, através de sua cultura, matam as crianças que nascem com alguma deficiência, e o povo alega praticar estas ações por amor.

Vários estudiosos contribuíram para a evolução da educação Especial, mas o Médico Jean Marc Gaspard Itard, ficou conhecido como o “pai da Educação Especial”, pois, ele ficou elaborou o primeiro programa sistemático de Educação Especial, e por ter tido a experiência na recuperação e na educabilidade do menino Vitor de Aveyron “O Menino Selvagem”. Vitor foi abandonado na selva, depois de um tempo o encontraram, ele vivia em meio aos animais, seguindo assim seus hábitos de vida, então ele teve que aprender a se adaptar entre os humanos e principalmente a se comunicar.

Este acontecimento foi um marco na história do mundo, pois, depois deste fato, foram desenvolvidos vários programas para a inclusão dos deficientes. A educação especial surgiu através de muitas lutas no decorrer do tempo. Foram várias organizações e leis que lutaram para o crescimento desse setor. A educação inclusiva ganhou forças com a declaração de Salamanca de 1994, esta declaração jurídica das Nações Unidas, tratou dos princípios políticos e práticas em Educação Especial, dando assim mais oportunidades para as pessoas com deficiências. Também veio a se edificar com a constituição de 1988, e com a LDB em 1996.

O desenvolvimento da Educação Especial no Brasil iniciou-se no século XIX, quando alguns Brasileiros inspirados por experiências Norte-Americanas, decidiram organizar ações para atender as pessoas com deficiências físicas e mentais. No início, esta iniciativa não estava integrada nas políticas públicas de Educação, isso só veio

acontecer um século depois, pois, a educação Especial passou a ser um dos componentes do nosso sistema educacional, somente nos anos 60. Esta modalidade passou a ser conhecida oficialmente como a “Educação dos excepcionais”.

Com o desenvolvimento na Educação e a luta pela integração dos alunos com deficiências, a prática da Educação Física é fator fundamental para a socialização dos alunos com deficiência. Na prática, foram são encontradas muitas dificuldades nas escolas para a integração dos alunos com deficiência. Talvez por desconhecimento, receio ou até mesmo preconceito, os alunos são excluídos das aulas práticas. Mas a participação nessas aulas com certeza traz muitos benefícios a essas crianças e adolescentes.

É fundamental, entretanto, que alguns cuidados sejam tomados. Deve-se analisar o tipo de necessidade especial que os alunos têm, pois, existem diferentes tipos e graus de limitações, que requerem procedimentos específicos. Para isso o professor pode fazer adaptações, criar situações que possibilitem a participação dos alunos com deficiências.

Um ponto importante a se trabalhar é com relação a situação de vergonha e exposição a que os alunos com deficiência muitas vezes se submetem nas aulas de Educação Física, pois, a maioria dos deficientes tem traços fisionômicos, alterações morfológicas ou problemas de coordenação que as destacam das demais. A atitude dos alunos diante dessas diferenças é algo que se construirá na convivência, possibilitando a integração (ou não) dessas crianças e jovens com o grupo, respeitando suas limitações e, ao mesmo tempo dando a oportunidade para que desenvolvam suas potencialidades.

A aula de Educação Física pode favorecer a construção de uma atitude digna de respeito para com o deficiente e a convivência com eles possibilitam a construção de atitudes de solidariedade, de respeito, de aceitação e sem preconceito, trabalhando assim a socialização.

#### 4.1 FORMAÇÃO DO ALUNO ATRAVES DA CIDADANIA

Desde sempre, é possível observar que nos debates e discussões relacionados ao sistema de ensino, encontramos a correlação entre os temas Educação e Cidadania. Onde temos como uma das principais finalidades da educação o desenvolvimento e promoção da cidadania. A nossa Constituição Federal deixa claro o papel da escola, enquanto um local fundamental para o desenvolvimento da cidadania na educação dos indivíduos. Conforme assegurado na Constituição Federal de 1988, artigo 205:

“[...] a educação, como um direito de todos e dever do Estado e da família, deverá ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, objetivando o pleno desenvolvimento da pessoa, sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho” (BRASIL, 1998).

Tal relação entre a educação e a cidadania é discutida por muitos autores, por exemplo, Benevides cita que “[...] não há dúvidas de que a educação política é entendida como educação para cidadania ativa, o que se torna o ponto principal da participação popular.” (BENEVIDES, 1994, p. 10). Conforme a autora, a educação funciona como o caminho central e fundamental para a construção da cidadania, defendendo que essa educação deve ser promovida, na prática, já que para aprender é necessário fazer, e com isso os espaços de aprendizagem da cidadania se expandirão para além da escola.

Todavia, quando nos depararmos com o texto “A Escola e A Construção da Cidadania”, do autor Antônio J. Severino, fica evidenciado que para ele “a educação funciona como um meio para a cidadania e que a cidadania é entendida como uma qualificação da condição da existência dos homens” (SEVERINO, 1992, p. 9-10). Nessa visão, se a escola é o espaço que proporciona a aprendizagem da cidadania, de acordo com Severino, ela não menciona que no ambiente escolar, deve ser o local para se desenvolver, ou seja, tem que ser exercida no âmbito extraescolar.

Segundo Miguel Arroyo, o pensamento e a prática política sempre estiveram marcados pela ideia do despreparo das camadas populares para exercerem a cidadania, a participação. Sendo, a educação a responsável pelo “treinamento” das habilidades necessárias à cidadania. Sua questão central é possibilitar, ou melhor,

tornar explícito para os profissionais da educação e as camadas populares, os verdadeiros determinantes socioeconômicos para a prática da cidadania. Para ele, a cidadania “não é uma questão pedagógica, e sim, uma questão política, pois, reduzir a questão da cidadania dos trabalhadores a uma questão educativa é uma forma de ocultar a questão da base” (ARROYO; BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 47).

Dessa forma, o autor ressalta como é importante não perder de vista o momento histórico em que nasce a relação entre educação, cidadania e participação: para ele, esse momento se refere àquele em que se fazia necessária uma massa de trabalhadores disponíveis e livres para o mercado que não ganhava espaço da agricultura, ou seja, “os súditos tinham que ser feitos cidadãos livres para a participação na cidade, no novo convívio social” (ARROYO; BUFFA; NOSELLA, 2000, p.38). Além de tudo, o autor Arroyo nos descreve ainda que:

“passar por cima de tal lógica global e dos efeitos reais que ela legitimou, continuando defendendo que a educação é um ritual sagrado que serve como passagem para o reino da liberdade é uma forma de contribuir para que a cidadania continue a ser negada, reprimida e protelada” (ARROYO; BUFFA; NOSELLA, 2000, p.40).

Conforme explica Arroyo (2000), a questão sobre os aspectos políticos ainda considerada um tabu dentro da nossa sociedade, a política não conseguiu conquistar o seu espaço dentro da educação brasileira, pois, várias vezes as decisões e os planos de nossos governantes fazem com que a cidadania esteja acima ou nada a ver com a política. Mesmo assim, alguns autores abordam e revelam a correlação existente entre educação e cidadania, com o objetivo de comprovar como ocorre a inseparabilidade entre esses dois termos dentro do processo educativo, nos mostrando que política e educação estarão sempre interligadas.

Um exemplo, Ferreira (2000) nos relata que “[...] ao lecionar, o educador, através da sua prática educativa, sempre traz em si uma filosofia política, tendo a consciência disso ou não” (FERREIRA, 1993, p. 5). Já Freire (2000), afirma que “[...] não é possível separar política de educação, pois, o ato político é pedagógico e o ato pedagógico é político”. Nesta perspectiva, buscando ressaltar ainda mais a importância de conhecermos a relação entre educação, cidadania e política na

formação do cidadão, se encontra na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, uma considerável afirmação que:

*“[...] nomeia o Ensino Fundamental como educação básica e que tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a sua formação para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no mercado profissional e em estudos posteriores” (BRASIL, 1998, p. 41).*

Ainda de acordo com a atual LDBEN, essa formação acontece através de várias formas, dentre elas, podemos destacar:

*I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;*

*II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;*

*III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;*

*IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 2000, p. 30)*

No processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autônomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo. Dessa maneira, o sistema educacional, em geral visa à integração do indivíduo ao conjunto da sociedade, isto é, ela busca desenvolver a socialização, inclusive nos modelos das teorias críticas e transformadoras, como lembra o autor Ferreira (1993, p. 10), quando determina que “[...] a luta pela definição dos fins da educação inscreve-se na luta de classes como luta por hegemonia”.

Hoje a Educação Física estabelece seu campo de trabalho fundamentado nas concepções de corpo e movimento. Essa visão permitiu a superação de sua condição

histórica limitadora que se restringia aos aspectos fisiológicos e técnicos. Atualmente é considerada entre as dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas que constituem o corpus cidadão. Dessa maneira, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física assumiu uma nova condição: proceder numa perspectiva de cultura corporal, o que acaba ampliando o papel da Educação Física Escolar para o exercício da cidadania. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.7) esses são alguns dos objetivos propostos para as aulas de Educação Física do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental:

- *Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercícios de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.*
- *Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.*

As aulas de Educação Física vem influenciando há um bom tempo à formação do cidadão como um ser social. O autor Melo e Simões (2007), afirma que, diante as diversas transformações que aconteceram com a Educação Física desde o século passado, ela teve papel fundamental no contexto do ensino fundamental para formação do aluno como cidadão. Vale ressaltar algumas menções que são feitas à Educação Física com relação à cidadania nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para os autores, nos PCN's a concepção de cultura corporal de movimento amplia a contribuição da Educação Física Escolar para que o exerça a cidadania. (MELO e SIMÕES, 2007). Uma condição importante no eixo norteador dos PCN's e que segue sendo citado pelos autores é de que a Educação Física tem o dever de inserir todos nas atividades escolares, independente da altura, peso, habilidades e dificuldades, objetivando todos os benefícios que a atividade pode proporcionar a todos sem distinção. Conforme pode ser comprovado em um dos trechos de uma publicação do autor Alvorí Ahlert, onde afirma que:

“A partir da Educação Física escolar, desafia-se a escola a interagir mais com a sociedade através de projetos múltiplos e interdisciplinares, por exemplo, Rua do Lazer, Ginástica na Praia, no Parque, na Praça, Passeios Ciclísticos, Caminhadas Urbanas Interbairros para que a população conheça sua cidade, sua realidade e desenvolva um senso crítico face aos problemas que esta realidade apresenta” (AHLERT, 2004, p. 56).

É importante falar que a escola deve-se manter unificada com relação à educação e educação física escolar, tendo em vista a importância não só dos profissionais que lecionam, mas também todos os profissionais que fazem com que a “engrenagem” funcione na formação do cidadão. A escola tem o ofício fundamental na formação de seres críticos e sociáveis, e a Educação Física vem influenciando de muitas formas a coletividade e a interação no meio extraescolar:

“Essa aprendizagem da cidadania deve ser vivenciada na prática com todos aqueles que o educando tem contato, não só o professor é responsável, mas todos no ambiente escolar, desde o funcionário que atua na limpeza até a direção da escola” (MOLINA, 2010, p.18).

Nessa lógica, o autor afirma que a Educação Física Escolar é “uma área do conhecimento que, por excelência, pode lançar as bases para se colocar uma sociedade em movimento para buscar a cidadania plena” (AHLERT, 2004, p. 57). Conforme esses autores, buscar a cidadania através da Educação Física é considerado um benefício para a sociedade, pois, existirá um relacionamento melhor entre os indivíduos nela inserida e maior participação de todos em busca de um bem comum e maior conhecimento na busca da consciência política.

## 5. CAPITULO IV: AS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E O DISCENTE DO ENSINO MÉDIO

Antes de abordar sobre as Práticas Corporais Alternativas (PCA) vale ressaltar o que é alternativo e o que é um ensino focado em uma perspectiva alternativa. De acordo com Matthiesen (1999) a expressão alternativa se refere às maneiras de agir, sentir e pensar, longe dos padrões da modernidade, expressando um conjunto de valores e práticas visando solucionar os custos materiais e imateriais gerados pela mesma. Matthiesen (1999) ressalva da perspectiva alternativa como uma opção às ações desenvolvidas pela Educação Física, se contrapondo ao modelo já existente.

Ou seja, alternativo significa uma saída do comum, um rompimento com padrões, outro modo de agir, uma visão diferente da atual, ir além do que é corriqueiro. Nessa visão, o alternativo está presente no modo de encarar os conteúdos que vamos desenvolver na Educação Física Escolar. O termo alternativo começou a ser utilizado para visar e incorporar as características, princípios e valores das PCA para que a abordagem dos conteúdos tenha um caráter de contraponto ao que está “imposto” / “naturalizado”.

Sendo assim, um ensino focado em uma perspectiva alternativa, além de buscar proporcionar uma visão diferente do que está imposto, visa desenvolver o diálogo e o companheirismo, possibilita estar e jogar com o semelhante e não contra o outro, proporciona a realização de movimentos com intencionalidade, propõe reflexões e análises sobre suas próprias posturas e ações, enfim, procura construir posturas críticas sobre a necessidade do semelhante, da compaixão e solidariedade entre as pessoas.

Impolcetto e col. (2013) sobre as PCA afirmam que se defronta, por princípios e definição, ao conteúdo das práticas “tradicionalizadas”, ou seja, práticas que buscam e promovem valores como à competição e a comparação de desempenhos em detrimento de outros valores relacionados com a busca pela subjetividade, autoconhecimento, sensibilização, expressividade, criatividade, cooperação, respeito mútuo; e repudiam a simples manutenção da forma física e preocupação estética tão presente atualmente entre as pessoas.

Impolcetto e col. (2013) evidencia ainda, que as PCA “[...] são práticas que proporcionam ao indivíduo vivenciar seu próprio corpo com autonomia, responsabilidade e liberdade” (p. 270) e são caracterizadas como alternativas porque possuem objetivos que as práticas “tradicionalizadas” não proporcionam como sensibilização e autoconhecimento, e por se diferenciarem de outros trabalhos de abordagem corporal, no sentido de valorizar o corpo como uma unidade harmoniosa, respeitando seus conflitos e diferenças.

As PCA podem favorecer o desenvolvimento da consciência corporal dos indivíduos, Cesana e Souza Neto (2008) destacam que a consciência corporal evidencia uma “quebra de barreiras” no âmbito corporal, apontando a importância de se desfazer os “preconceitos” com relação ao semelhante. Devendo assim possibilitar a diminuição dos preconceitos com o corpo, na relação entre as pessoas, principalmente na escola, pode auxiliar na conscientização da necessidade e importância do semelhante na vida em sociedade.

Conforme Gaiarsa (2002) aponta sobre a necessidade de “abrir os olhos” e começar a enxergar o semelhante e de ser solidário com o mesmo. O autor Alves (2008) enfatizou como características das PCA, o contato corporal que desenvolve confiança como recurso para reconhecer a importância do semelhante e a responsabilidade na relação com o mesmo. Dando ênfase ao contato corporal como princípio das PCA, Impolcetto e col. (2013) apresentam uma reflexão sobre a possibilidade de realização de massagens, atividades de relaxamento, atividades para sensibilização dos sentidos, jogos ou brincadeiras interagindo com o próprio corpo, com o corpo dos(as) amigos(as) e com o meio ambiente.

Impolcetto e col. (2013) ressaltam ainda, que além dessas possibilidades de vivências, as PCA possibilitam a reflexão sobre valores como a cidadania, a paz, a cooperação, a inclusão, a confiança, a responsabilidade, entre outros, incorporando atitudes que transitam na esfera do respeito, da ação compartilhada, da construção coletiva das práticas, do entendimento das diferenças entre as pessoas, possibilitando a construção de um pensamento crítico perante as relações e condutas humanas na vida em sociedade. Os PCA são caracterizados, na ótica de Lorenzetto e Matthiesen (2008) como práticas que apresentam princípios e valores que possuem o intuito de desenvolver com os(as) envolvidos(as) no processo educativo o equilíbrio e

percepção corporal, sensibilidade do corpo, adoção de atitudes de respeito e responsabilidade, trabalho com a ludicidade e curiosidade, cooperação, movimentos espontâneos, interação social, mover-se a partir do movimento do(a) semelhante e com movimentos lentos e prazerosos oportunizando o contato interpessoal.

Tornando-se diretamente ligada às ações do corpo, o desenvolvimento das PCA nas escolas possibilita que os(as) envolvidos(as) no processo educativo aprendam a respeitar e conviver com as diferenças, valorizando a convivência entre as pessoas através de ações educativas geradoras de reflexões. Nessa perspectiva, Impolcetto e col. (2013) destacam que as práticas alternativas:

[...] na escola podem ser vivenciadas por meio de brincadeiras para conhecimento do próprio corpo (ritmo, identificações de partes do corpo, movimentos espontâneos, contrações e descontrações, equilíbrio), e relações com o corpo (corpo do indivíduo/corpo social, corpo do indivíduo/modelo de corpo vigente na sociedade) (p. 274).

Vale ressaltar que é dever dos professores, fortalecer atividades com características das PCA na Educação Física Escolar, que tentem correlacionar ao cotidiano dos(as) educandos(as), levando as suas características, necessidades e possibilidades, pois, a tentativa de “enquadrar” esta visão, pode não contribuir para o desenvolvimento de uma Educação Física Escolar que dê prioridade ao diálogo e a reflexão. Deste modo, uma proposta de intervenção na escola, deve buscar o favorecimento de uma visão diferenciada do que é comumente desenvolvido e o contato com experiências possivelmente ainda não vivenciadas, se pautando nas características das PCA.

Sendo assim, é possível, inclusive, que os conteúdos “tradicionalizados”, trabalhados na Educação Física Escolar, incorporem princípios e valores mais humanizados. Entendendo que as Práticas Corporais Alternativas estão bastante atreladas ao constante contato pessoal, ao reconhecimento corporal, e a realização de movimentos com intencionalidade, acredita-se que ações pautadas em suas características, podem proporcionar algumas discussões sobre temas, tais como, padrões de beleza e atitudes estipulados pelos meios de comunicação em massa. As discussões que abordam estes e outros temas devem estar introduzidas no contexto escolar, pois, podem gerar reflexões e posicionamentos críticos.

Entende-se que essas construções são melhores desenvolvidas e podem gerar maior contribuição para a população que mais pode estar inserida neste contexto de informações manipuladoras e que estão passando por um processo de afirmação e construção como seres que pensam, refletem, agem e opinam, ou seja, a população jovem, mais especificamente, os(as) concluintes do Ensino Médio.

Segundo Ferreira, Lorenzetto e Darido (2002) os(as) adolescentes desta idade, são acometidos por profundas mudanças biológicas, afetivas e cognitivas, mas que não devem servir como padrão para qualificar ou estereotipá-los(as). Conforme Ferreira, Lorenzetto e Darido (2002) os(as) adolescentes trazem consigo o desinteresse pelas aulas da Educação Física, por resultados dos insucessos vividos nas aulas das séries anteriores que, geralmente, foram pautadas em práticas esportivas competitivas e excludentes.

Esse desinteresse geralmente é causado por conta de uma Educação Física Escolar que não oferece nenhuma motivação, muito menos proporciona mudanças, aos(as) estudantes do Ensino Médio, que geralmente buscam fora da escola suas possibilidades de realizar práticas corporais. No entanto, fora da escola a hipótese de que essas práticas se assentem em um modelo mais tradicionalizado (com ênfase na competição e em resultado estético, por exemplo) é maior, além do mais, muitas vezes, estipula aos adolescentes os padrões de beleza e atitudes a serem seguidos.

É importante dentro de um contexto escolar fazer tal análise com os(as) alunos(as), refletindo se é mesmo necessário acatar essas “imposições”. Nesse processo é preciso auxiliar na conscientização, as PCA podem proporcionar o autoconhecimento corporal, possibilitando uma satisfação e aceitação do próprio corpo, aprendendo a aproveitar suas qualidades e conseqüentemente levando-os(as) a, ações benéficas, melhorando até mesmo a autoestima e confiança pessoal. Esse auxílio se faz necessário principalmente neste nível de ensino em que essas influências parecem estar mais presentes, manipulando as opiniões e atitudes dos(as) adolescentes.

Na Educação Física Escolar, o desenvolvimento das PCA no Ensino Médio, é muito importante tendo em vista ser necessário um distanciamento de um modelo de exposição de informações entediadas ou pautado na mera reprodução de

movimentos que não apresentam sentido e significado para os(as) estudantes. Além disso, a apresentação tem que dar sentido e significado para os alunos. É preciso que as ações auxiliem, de alguma forma, na adoção de posturas críticas, conscientes e mais humanas, almejando uma democratização das relações e inversão do que se é imposto. Para que essas ações sejam desenvolvidas é preciso ter sentido e significado para os(as) estudantes. Oliveira e col (2009) afirmam que “[...] é preciso que não consideremos as crianças, os jovens e outros menos experientes do que professores(as) e outros educadores(as), que não os julguemos como incapazes de fazer a leitura do mundo, isto é, de fatos e atos que observam e vivenciam” (p. 10).

Freire (1992) ressalta que “[...] se o educador ou a educadora não conhecerem, respeitarem e colocarem em relevância o ‘saber de experiência feito’ dos(as) educandos(as), os(as) mesmos(as) não transcenderão” (p. 59). É preciso partir do saber de experiência feita para superá-lo, e não apenas ficar nele (FREIRE, 1992).

Torna-se necessário que o professor não transmita o conteúdo, por mera proposição de realização de movimentos pré-estabelecidos e estereotipados, isso não auxilia na consideração dos saberes de experiência que os(as) estudantes apresentam, não contribui com a construção de conhecimento, tampouco, com o exercício da cidadania. Freire (1992) nos facilita neste pensamento quando fala que: a “[...] tarefa do educador ou da educadora seria demasiada fácil se reduzisse ao ensino dos conteúdos assepticamente ‘transmitidos’ aos educandos. Sujeito desta prática neutra não tinha outra coisa a fazer senão ‘transferir conhecimento’ também neutro” (p. 78).

Dessa forma, almejando a transformação desta abordagem dos processos educativos, pensando especificamente nas aulas da Educação Física Escolar, seria interessante que se tracejassem em princípios dialógicos, onde há exposição de opiniões, construção conjunta de conhecimentos e tarefas, análises e reflexões sobre atitudes e estratégias utilizadas. As aulas devem conter desafios, resoluções de problemas; deve-se oportunizar momentos de crítica, análise, de construção, de criação.

É papel do educador usar a diretividade e não interferir de forma restritiva na capacidade criadora, formuladora, indagadora do(a) educando(a). Caso isso

aconteça, a diretividade necessária se converte em manipulação, em autoritarismo (FREIRE, 1992). O diálogo tem significado importantíssimo, precisamente porque os sujeitos dialógicos conservam e defendem sua identidade e, assim, crescem em conjunto. No entanto, o diálogo não pode ser apenas um “bate-papo” desobrigado regido ao gosto do acaso entre professor(a) e educando(a). O aprender através do diálogo só se torna verdadeiramente possível quando o pensamento crítico, inquieto do(a) educador(a) não para na capacidade de criticar, mas também no pensar ou começar a pensar do(a) educando(a).

Essa atitude necessita e implica um respeito fundamental dos sujeitos envolvidos, que o autoritarismo rompe ou não permite que se construa (FREIRE, 1992). Fiori (1986) evidencia que a conscientização é opção e luta. Opção pelo ser humano e luta por seu conhecimento e para a transformação. Essa conscientização, enquanto luta pela transformação pode começar a ser construída na escola a partir de reflexões e diálogos sobre as imposições e a ideologia da cultura dominante e, para isso, as PCA podem ser uma importante ferramenta de auxílio em relação à necessária postura crítica e consciente, desencadeada pelo diálogo. A proposição, então, é a que o(a) professor(a) de Educação Física atue de forma transformadora e pensando nisso, é interessante compreendermos que:

[...] ensinar não é apenas a transmissão do conhecimento em torno do tema do objeto ou do conteúdo. Transmissão que se faz muita mais através da pura descrição do conceito do objeto a ser mecanicamente memorizado pelos estudantes. [...] Ensinar a aprender só é válido (no ponto de vista progressista) quando os educandos aprendem a aprender ao aprender a razão de ser do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 1992, p. 81).

Com esse pensamento é possível concordar que nós, os educadores(as), ao realizarem ações na Educação Física Escolar, não tem que se preocuparem em estipular modelos e padrões de realização de movimentos, ou se atentarem às atividades em si, sem propor nenhum tipo de análise ou reflexão sobre elas. Torna-se necessário buscar propor e alcançar objetivos relacionados com o desenvolvimento de valores e atitudes que auxiliem na melhoria e democratização da vida em sociedade.

Ao se debater, e analisar as discussões sobre como e, porque tal atividade foi realizada, é necessário que os estudantes compreendam e consigam enxergar o porquê de realizarem tal atividade e como a mesma pode contribuir para que as relações envolvidas no processo educativo sejam mais humanas. Complementando este pensamento, Freire (1992) afirma que “[...] a disciplina não pode resultar de um trabalho feito nos alunos pelo professor. Requerendo, embora, a presença marcante do professor ou da professora, sua orientação, seu estímulo, sua autoridade, essa disciplina tem de ser construída ou assumida pelos alunos” (p. 83).

Acredita-se com isso que, a Educação Física Escolar seja um espaço no qual esses conhecimentos possam ser valorizados e entendidos como fundamentais para a compreensão da necessidade e importância do semelhante nas relações cotidianas. Para que se entendam esses pensamentos é interessante que os discentes da Educação Básica desenvolvam ações alternativas que auxiliem nessas percepções.

## **5.1 EXEMPLOS DE ATIVIDADES ALTERNATIVAS**

Na sequência serão apresentados três exemplos de aulas que utilizam princípios das Práticas Corporais Alternativas.

### Travessia de lugares

De início, a proposta da aula seria a de realização de atividades com uma perspectiva alternativa, mas que os alunos vivenciariam uma atividade que possivelmente não conheciam. Então, foi proposto que todos se posicionassem em colunas em um dos degraus da arquibancada. A seguir, o professor sinalizou que a posposta seria de atravessarem o espaço (coluna) que os(as) estudantes formaram.

Essa proposta foi relacionada com a realidade que alguns(umas) alunos(as) enfrentam para irem à escola, que consiste em passar em baixo de pontes por exemplo. Com isso, foi exposta a seguinte situação hipotética: uma das alunas gostaria de ir até sua casa e, para isso, deveria atravessar a ponte e que uma de suas amigas gostaria de acompanhá-la; depois, que outras duas também iriam. Assim a atividade continuou até que todos(as) passassem, mas de forma alternada, atravessando em duplas, em trios e quartetos.

Vale ressaltar que a intenção dessa atividade era de que os(as) discentes auxiliassem na travessia e não intervissem nas decisões que cada aluno tomariam para fazer o percurso. Em seguida, ainda com a perspectiva de atravessar a ponte, mas fora da arquibancada, imaginou-se também, em situação hipotética, que a mesma estaria alagada e que era preciso que o máximo de alunos(as) atravessassem o espaço (da ponte, demarcado na quadra) em três colchonetes.

Os alunos construíram suas próprias estratégias e, em duas etapas (primeiro um grupo, depois outro), alcançaram o objetivo. Em seguida foi dada uma folha de papel para cada estudante e pedido que os(as) mesmos(as) se posicionassem em cima do papel. Imaginou-se que muitas pessoas estariam atravessando a ponte e a mesma estaria ficando congestionada, então, era preciso que as pessoas se organizassem, por ordem de data de nascimento, para que pudessem atravessar. Para isso, eles(as) deveriam um por vez, chegar ao seu lugar, colocando o pé nos papéis das outras pessoas. Como regra, não poderia haver mais de três pés em cada papel.

FONTE: ( <https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamicas-de-integracao-de-equipes-desafios-e-integracao-de-equipes.php>)

#### “João Balança” e massagem coletiva

Nessa atividade foi proposto que os(as) discentes se dividissem em duplas e ressaltou-se que um (a) integrante da dupla deveria estar com olhos fechados. Então, foi delimitado um espaço e pedido que os alunos andassem aleatoriamente por ele e que os(as) alunos(as) que estavam com os olhos abertos guiassem o(a) amigo(a) de olhos fechados por esse espaço, sem deixar que o(a) mesmo(a) esbarrasse nos(as) discentes. Em seguida, foi dito que os(as) alunos(as) se organizassem em quartetos e que um deles precisaria estar no centro de um círculo formado por cada quarteto.

Então, ressaltando que a atividade novamente necessitaria da confiança e da amizade entre os (as) estudantes (as), foi proposto que o(a) estudante do centro fechasse os olhos e, sem mexer as pernas, deixasse seu corpo cair em direção aos braços de um(a) dos(as) amigos(as). A missão dos (as) integrantes do quarteto era de não deixar a pessoa do centro cair no chão. Foi proposto que todos(as) os(as) estudantes experimentassem as duas funções, a de segurar e a de deixar o corpo cair.

Ao final dessa vivência, foi discutido sobre como foi ter que confiar no(a) amigo(a) para realizar as atividades.

Após a vivência da experiência anteriormente citada, com os(as) alunos(as) posicionados(as) em um único círculo e divididos(as) em duplas, foi entregue uma bola pequena para cada dupla e perguntado o que seria possível realizar com a bola. Então, uma aluna, sem falar nada, colocou a bola na cabeça de sua amiga. Sendo assim, foi pedido para que todos(as) vissem a proposição da aluna e que todos(as) vivenciassem essa proposta. Então, foi solicitado que os(as) discentes manipulassem a bola pelo corpo do(a) amigo(a).

Todos tinha que inverter as funções, a mudança de duplas e o manuseio da bola em partes do corpo que ainda não haviam sido tocadas. Após essa experiência, foi sugerido que os alunos ficassem em círculos e sentados de costas uns(umas) para os(as) outros(as) em uma espécie de ‘trenzinho’. Então, foi proposta uma massagem coletiva, inicialmente só com a ponta dos dedos (na cabeça, nos braços e nas costas do(a) companheiro(a) a frente), depois com as palmas e laterais das mãos, e, em seguida, com os cotovelos e antebraços. Solicitou-se também que tentassem alcançar lugares que ainda não tinham sido massageados. Depois foi proposto que todos(as) invertessem o lado que estavam sentados e, conseqüentemente, a pessoa que fez a massagem agora a receberia. Após essa maravilhosa vivência, a aula foi encerrada com uma rápida discussão sobre as impressões que os(as) discentes tiveram sobre a atividade.

FONTE: (<https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamicas-de-integracao-de-equipes-a-desafios-e-integracao-de-equipes.php>)

### Ponte humana

Foi proposto que os(as) alunos(as) se posicionassem a uma longa distância atrás de duas cordas que foram colocadas horizontalmente no chão tendo uma pequena distância entre elas. Foi feita uma contextualização com a região que os(as) discentes vivem, simulando a possível transposição de um riacho que passa pelo local. Depois de todos(as) terem ultrapassado o obstáculo, a distância entre as cordas foi aumentada, solicitando, mais uma vez, que os(as) alunos(as) tentassem superar o obstáculo, que foi nomeado como “ribeirão”.

Logo depois, a distância entre as cordas foi aumentada ainda mais, ficando muito difícil de os(as) estudantes conseguirem atravessar o, agora, “rio”, já que a proposta era de que não colocassem os pés na “água” (espaço entre uma corda e outra). A maioria deles não conseguiu ultrapassar a distância com um único salto, foi proposto que tentassem fazê-lo em duplas. Sendo que ainda não era possível, o espaço então foi diminuído propondo que os(as) alunos(as) tentassem novamente atravessar em duplas, depois em quartetos, octetos até formar um único grupo, em que a proposta era de que todos(as) alcançassem o objetivo, ao mesmo tempo.

Em seguida, foram colocados colchonetes em todo o espaço entre as cordas, simulando a água do rio. Foi proposto que os(as) alunos imaginassem que ali havia monstros que gostavam de pés e, por isto, deveriam encontrar um modo de passar para a outra margem sem encostar os pés na água. Isso fez com que os(as) mesmos rolassem, engatinhassem, ajoelhassem, passassem apoiados pelos cotovelos, enfim, proporcionou que os(as) estudantes criassem suas próprias formas de realizações de movimentos para alcançar o objetivo proposto.

Essa mesma tarefa foi proposta para os(as) alunos(as) em duplas e em quartetos. Após isso, foi imaginado que os monstros não poderiam alcançar dois pares de pés ao mesmo tempo, então, os(as) adolescentes deveriam encontrar estratégias para chegarem à outra margem, estando em duplas, podendo ter apenas dois pés na “água”. Fazendo que os(as) alunos(as) se pendurassem uns(umas) nos(as) outros(as), se carregassem se abraçassem, enfim, criassem estratégias que exigiam bastante contato corporal. Sem que tenha sido proposto pelo orientador, os(as) estudantes procuraram trocar as duplas para realizar as atividades desenvolvidas.

Em seguida, foi perguntado aos(às) educandos se conseguiram enxergar outras formas para realizar essa passagem de um lado a outro da margem. Várias sugestões foram ditas. Foi vivenciado a de que alguns(umas) alunos(as) deveriam deitar no espaço entre as cordas, servindo como ponte para outros(as) passarem por cima. Estes passavam pisando, ajoelhados e até rolando sobre os(as) outros(as). Foi proposto que todos(as) devessem chegar até o outro lado da margem.

Terminada a atividade foi proposta a reflexão de, como havia sido a atividade e quais foram as sensações de quem pisava e de quem estava sendo pisado. Após o

debate, foi feita a realização da ponte humana, em que os alunos se posicionaram deitados, com as costas no chão e com os braços estendidos para o alto. O objetivo era de carregar os(as) outros que iriam deitar sobre as mãos dos integrantes que formavam a ponte. Foi sinalizado que todos(as) devessem realizar a passagem, inclusive os que eram a ponte. Novamente foi feita uma reflexão buscando perceber quais foram às sensações de quem carregou e de quem foi carregado(a). Afloraram discussões sobre machismo, sobre preconceito, confiança e respeito entre outros.

FONTE: (<https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamicas-de-integracao-de-equipes-a-travessia-desafios-e-integracao-de-equipes.php>)

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Fundamentando-se nos depoimentos e relatos apontados pelos autores, ao longo dos capítulos desta monografia, há de se reconhecer que há muito ainda a ser pesquisado referente ao tema investigado. Sobretudo considero que essa produção é o primeiro passo de ciclo de estudos e pesquisas que pretendo desenvolver ao longo da minha formação continuada, pois, esse estudo requer um aprofundamento devido à responsabilidade social do tema.

Esse estudo partiu da necessidade de investigar o esporte em especial como ele é aplicado na escola e de que forma ele é abordado. Essa questão levanta o seguinte problema de investigação: que realidade, contradições e desafios teórico-metodológicos se apresentam no esporte da Escola, considerando a realidade da Educação Física do Ensino Fundamental nas séries finais, em vista os estudos produzidos no Brasil?

Atualmente, encontramos muitos discursos sobre a temática cidadania e educação, cujo objetivo é desenvolver o entendimento da relação existente entre o sistema de ensino brasileiro e a formação do indivíduo para a cidadania, de modo que possamos compreender o papel desempenhado pela educação no processo de formação cidadã dos alunos.

Em outras palavras, isso significa dizer que essa deve ser a preocupação fundamental da escola estando presente não somente nos debates pedagógicos, mas que se aproxime da prática pedagógica dos professores com vista a promover a conscientização de todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Através do presente estudo foi possível verificar que a produção do conhecimento sobre Cidadania e Educação Física Escolar merece maior atenção, pois, embora os professores tenham consciência de como a Educação Física é importante neste processo, na prática, muitos deles ainda estão fechados à visão do esporte como principal conteúdo a ser desenvolvido nas aulas, levando o aluno a se apropriar do seu corpo e das práticas da cultura corporal do contexto social onde está inserido.

Neste sentido sugerimos que o espaço de discussão e a produção do conhecimento na Educação Física sejam ampliados de modo a alcançar a prática do professor na escola. Principalmente a realização de pesquisas abrangendo diferentes contextos socioeconômicos, instituições de ensino e segmentos educacionais da Educação Básica.

Assim, constatou-se que, as contradições e desafios teórico-metodológicos do esporte da escola, considerando a atual realidade da Educação Física no Brasil, exigem um estudo mais detalhado devido à necessidade de transformações da prática educativa do esporte da escola para a formação humana. Então, após uma análise crítica do esporte praticado pela sociedade, tendo como o modelo de aprendizagem que se pauta em esporte de alto rendimento, em especial o meio social que o esporte está inserido em todo o país; nas escolas públicas e privadas, reconhecemos através dos dados coletados nos estudos que os conteúdos sejam tratados numa abordagem crítico-emancipatória do esporte, possibilitando uma problematização, tematização dos elementos da ludicidade e construção do conhecimento para que se possa desenvolver uma análise dos elementos abordados em sala de aula e que sejam refletidos na sociedade de quem pratica e reproduz o esporte.

A medida que os elementos investigados citados ao longo dos capítulos referente à origem do esporte e da Educação Física no Brasil foram estudados, foi possível perceber que o esporte exerce diversas influências vindas do mundo capitalista, como forma de disputas e de organizações dos grandes eventos esportivos em especial os primeiros jogos olímpicos, e o esporte praticado pelos militares onde o vigor físico era de fundamental importância, entre outros.

Todos esses acontecimentos refletiram no universo da escola que teve que se adequar a determinados interesses sociais. Entretanto, os dados abordados nesse estudo consideram que a realidade, contradições e desafios teórico-metodológicos se apresentam no esporte da escola, estão diretamente associados aos meios de comunicação, os conteúdos que a escola elege para serem tratados nas aulas de Educação Física; e o esporte no qual sendo objeto pesquisado nesta monografia é um dos conteúdos a serem apresentados na escola.

No entanto, a grande questão em discussão é a forma como o esporte é colocado e aplicado nas aulas de Educação Física que na maioria das vezes é o reflexo fiel do esporte de alto rendimento que traz consequências para formação humana. Possibilitando a evasão de alguns alunos que não tem habilidades com as modalidades esportivas, exclusão e seleção dos mais habilidosos, acarretando rivalidades entre os alunos, influências essas que não condizem com a prática pedagógica do esporte da escola. O professor de Educação Física ao questionar sobre o esporte da escola sendo um dos conteúdos das aulas de Educação Física, tem o desafio de descaracterizar a visão estabelecida pela classe dominante na qual compreende competir, ter o melhor rendimento, ganhar a qualquer custo entre outros.

A instituição Escolar na qual tem como característica de educar para vida e não reproduzir de forma exagerada elementos que não condizem com a prática pedagógica atribuída pela mídia, deve exercer a função de mediar e mostrar o que se passa pela sociedade e discutir com base nas condições reais e socioeconômicas dos estudantes que frequentam a escola seja ela particular ou pública. Entretanto, considero que o esporte quando invade o campo da educação em especial no ensino fundamental II deve ser apresentado como o esporte da escola visando à construção do conhecimento, transformação, problematização dos seus valores que se marcam presentes dentro e fora da escola.

**REFERÊNCIAS:**

AHLERT, Alvori. **Educação Física Escolar e Cidadania**. Revista VIDYA, Vol. 24, nº 42, p. 47-60, Jul./Dez. - Santa Maria, 2004.

ARROYO; M.; BUFFA, E; NOSELLA, P. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** 8ª Edição, São Paulo: Cortez, 2000.

ASSIS de oliveira: **Reinventando o Esporte: Possibilidades da Prática pedagógica**. – 2. Ed.- Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2005. – 217 p.

BENEVIDES, M. V. M. **Cidadania e Democracia**, Lua Nova, nº 33, p. 5-16, 1994.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O Professor de Educação Física e a construção do saber**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**. Injui: Unijuí, 2003. 136 p.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 3ª Edição, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Educação Física**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 05 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei no 9.394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.

CASTELANI FILHO, Lino: **A História que não se Conta**. Campina, AP: Papyrus, 1998. 224 p.

CASTELLANI FILHO, L. **Classes de aceleração: uma proposta pedagógica para a educação física**. In: Política Educacional e Educação Física. 2ª Edição, Campinas, São Paulo, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física** São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola – Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan S.A., 2003.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania: uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 3ª Edição. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 200. 208 p.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo Junior. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1998. 61p.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Ana Archangelo, et al. **Educação Física Escolar: Atitudes e Valores**. São Paulo, Vol. 7, nº 1, p. 17-22, Jan./Jun., 2001.

HOFFMAN, Elizabeth. **A Organização do Sistema Educacional Brasileiro**. 2008. 31.f Disponível em: [http://expressaocultural.org/expressaocultural/textos\\_sistema.pdf](http://expressaocultural.org/expressaocultural/textos_sistema.pdf)> Acesso em 05 de out de 2008.

KOSHIBA, Luiz. **História: Origens, Estruturas e Processos**. São Paulo: ISNB ATUAL 2000. 495 p.

KUNZ, Elenor (org); TREBELS, Andreas Heinch. **Educação Física Crítico-Emancipatória: com uma Perspectiva da Pedagogia Alemã do Esporte**. Injui: Unijuí, 2006. 208 p.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didática Pedagógica do Esporte**. Injui: Unijuí, 2003. 136 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.  
MELO, Joana de Barros; SIMÕES, José Luís. **A Contribuição da Educação Física, no Ensino Fundamental, na Formação do Cidadão**. Anais I Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal – CNEF – Recife 03 a 06 de Julho de 2007.

MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999. 115 p.

MOLINA, Flaviana Fellegger. **Educação em valores nas aulas de educação Física: análise de projeto que visa à cidadania e autonomia dos educandos.** Tese (Mestrado em Educação Física) 2010. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo.

PATACO, Vera Lucia Paracampos. **Metodologia para trabalhos acadêmicos e normas de apresentação gráfica.** Vera Lucia Paracampos Pataco, Magda Maria Ventura, Érica dos Santos Resende – 4ª Edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

SEVERINO, A. J. **A escola e a construção da cidadania.** In: SEVERINO, A. J. et al. **Sociedade civil e educação.** Campinas: Papyrus, São Paulo: Ande, 1992.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini; VALE, José Misael Ferreira do. **Ensino de Biologia e Cidadania: problemas que envolvem a prática pedagógica de educadores.** In: NARDI, Roberto (org.). **Educação em ciências: da pesquisa à prática docente.** São Paulo: Escrituras Editora, 2000. [Educação para a Ciência].

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos e tipos de pesquisa.** 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.